

GÊNERO, CULTURA E IDENTIDADE NA COMUNIDADE COSTEIRA DE A VER-O-MAR¹

Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão²

ABSTRACT

The essay is based on collected and analyzed database of a local project, in A Ver-o-Mar, whose community has as main activity to fish. The research looks for to analyze the relations of sort from a new perspective of human, social and ambient development that is being lived deeply by the women of the community. In this context, a group of proximately 30 women is involved in an intervention in the area of income generation, production of artisan handbags, which has opened new perspectives of participation of the women in the community. With this new aspect of sustainable development for the women and consequently for the community, during the workshops we have registered speeches where the idea of economic autonomy for the women it becomes a threat to the balance of the social relations of sort. In the speech of the women there is a present argument that in the social image the generation of income it will contribute to put them on equality places to men in the community, guaranteeing the conquest of some social rights and the decline or disintegration of the conjugal relations, a consequence of the social order based on male power. In spite of having an association of inhabitants and fishing for nine years and the current president being a woman, the voice of the women is still not heard.

Keywords: gender, identity and generation of income.

Palavras-chave: gênero, identidade e geração de renda.

TEXTTO

O ensaio está fundamentado em dados coletados e analisados de um projeto de abrangência local, em A Ver-o-Mar, cuja comunidade tem como principal atividade à pesca. A pesquisa buscou analisar as relações de gênero dentro de uma nova perspectiva de desenvolvimento humano, social e ambiental que está sendo vivenciada pelas mulheres da comunidade.

Neste contexto, um grupo de aproximadamente 30 mulheres está envolvido numa intervenção na área de geração de renda, produção de bolsas artesanais, que tem aberto novas perspectivas de participação das mulheres na comunidade. Com este novo aspecto

¹ Pesquisa aprovada CNPq .

² Prof^a Dr^a Universidade Federal Rural de Pernambuco. Colaboraram na produção do artigo alunos da Disciplina Análise do Discurso do Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, primeiro semestre 2005.

de desenvolvimento sustentável para as mulheres e conseqüentemente para a comunidade, durante as oficinas vem se registrando discursos aonde à idéia de autonomia econômica das mulheres vem fomentando a ameaça ao equilíbrio das relações sociais de gênero.

No discurso das mulheres está presente a argumentação de que no imaginário social da comunidade a geração de renda poderá contribuir para coloca-las em pé de igualdade, garantindo a conquista de alguns direitos sociais e o declínio ou desagregação das relações conjugais, conseqüência decorrente da ordem social machista. Apesar de haver uma associação de moradores (as) e pescadores (as) há nove anos e a atual presidente ser uma mulher, a voz das mulheres ainda não é ouvida.

O descrédito evidenciado no discurso masculino, sobre as conquistas que as mulheres tem alcançado, pode ser analisado a partir dos mecanismos externo de controle do discurso elaborado por Foucault em A Ordem do Discurso. Aqui se destaca principalmente a desvalorização através da oposição entre razão e loucura. Para Foucault (1987):

En toda sociedad la producción del discurso está a la vez controlada, seleccionada y redistribuida por cierto número de procedimientos, que tienen por función conjurar los poderes y peligros, dominar el acontecimiento aleatorio y esquivar su pesada y temible materialidad .

O Primeiro envolvimento com esta comunidade no respectivo trabalho surgiu com o Projeto Internacional de Pesquisa sobre Comunidades Costeiras, financiado pela Coast Communiy Health Network - CCHN - e Research Developmnt Initiative - RDI -, que tem como executoras a Universidade Federal Rural de Pernambuco (Brasil), Universidad Cienfuegos (Cuba), Universidad de San Sebastián (Chile), idealizado com o objetivo de refletir sobre a inclusão social e apoiar no processo de desenvolvimento local e preservação ambiental da região.

No cotidiano das trabalhadoras de A Ver-o-Mar destacam-se as atividades: 1) da pesca de mariscos realizada geralmente por mulheres; 2) do trabalho doméstico - atividade cem por cento feminina - realizada em residências de veraneio durante a estiagem e 3) do comércio em barracas na praia também realizado no verão. Outras atividades mais pontuais são: criação e plantio para subsistência, produção artesanal ainda insipiente e a produção de passas de caju, que é realizada no período da safra do fruto.

Na comunidade de A Ver-o-Mar, constatou-se que sua constituição se deu a partir de cinco famílias originando assim uma territorialidade com características específicas: hermética e com superposição de vínculos, facilitando o exercício de poder tirânico.

Destacam-se entre as 55 famílias pesquisadas a presença de 128 mulheres, sendo 82 em idade laboral, de 16 a 60 anos. Nessas 55 famílias destacam-se 07 mulheres chefe de família (Ana, Lúcia, Maria, Lóide, Gércia, Maria do Carmo e Elude). Quanto ao grau de instrução das mulheres, 20 declararam ser apenas alfabetizadas, 60 cursaram o Ensino Fundamental (na quase totalidade incompleto), 32 mulheres estão cursando o Ensino Médio, 03 estão no Ensino Superior e 01 é técnica. Com relação às atividades laborais, na sistematização dos dados priorizou-se as informações referentes às 40 mulheres casadas, neste universo, 18 se denominaram trabalhadoras do Lar, 08 afirmaram desenvolver algum trabalho familiar sem remuneração, 5 asseveraram desenvolver trabalho permanente assalariado, 03 asseguraram realizar trabalho temporário assalariado, 01 aposentada e 05 declararam realizar outros serviços. Esses dados contribuíram na definição da nossa amostra, mulheres desempregadas ou subempregadas.

Possivelmente algumas das mulheres que se denominaram trabalhadoras do Lar desenvolvem algumas destas atividades cuja imagem é socialmente menos positiva do que a de doméstica. As outras 42 mulheres em idade laboral declararam em sua maioria realizar serviços diversos, sem uma definição profissional. Aqui é interessante relacionar a fragmentação do sujeito social na pós-modernidade. Por um lado assistem o Jornal Nacional e as novelas, assimilando um estilo de vida muito diferente da comunidade local e por outro lado, todas as entrevistadas foram unânimes em afirmar que o trabalho doméstico era atribuição unicamente das mulheres. Assim, pode-se considerar, segundo Stuart Hall (2002) que:

As identidades nacionais estão se *desintegrando*, como resultado do crescimento da homogeneização cultural presente na pós-modernidade; as identidades nacionais e outras identidades "locais" ou particulares estão sendo *reforçadas* pela resistência à homogeneização globalizada e as identidades nacionais estão em declínio, mas *novas* identidades — híbridas — estão tomando seu lugar.

Sobre a comunidade é interessante ressaltar que a mesma conta com a coleta de lixo diária, posto de saúde com agente comunitário de saúde, a presença diária de uma enfermeira, visita médica e acompanhamento dentário semanal. No entanto, o Posto de Saúde não abre nos fins-de-semana e, o serviço médico odontológico, segundo os moradores, é incompleto. Existem aproximadamente 200 habitações, onde geralmente convivem mais de uma família sobre o mesmo teto. Constatou-se a predominância de

habitações em alvenaria, com água encanada e fossas. Escolas para crianças e adultos, sendo baixo o número de analfabetos declarados na pesquisa de campo.

A proposta metodológica incluiu observação, fotografias e entrevistas dirigidas e semidirigidas, a partir da recuperação da identidade histórica e cultural da comunidade e do seu entorno.

Priorizou-se também a imagem visual na pesquisa de campo, considerando que o papel da fotografia no imaginário das pessoas tem raízes desde o início da popularização da mesma. Ou seja, desde o começo, a fotografia, carregou para si a capacidade de legitimar poder e delegar status. A literatura existente sobre história da fotografia mostra como as imagens que eram conhecidas para a maioria das pessoas não refletiam o cotidiano do coletivo, mas de somente algumas pessoas importantes. Fazendo com que imagens conhecidas fossem de personagens importantes. No livro História e fotografia, Maria Borges (2003:70) fez um resgate histórico de fotógrafos antigos e mostra como a imprensa ilustrada, pouco antes da Primeira Grande Guerra, coloca fotógrafos renomados para acompanhar chefes políticos e militares em suas campanhas, Napoleão III, teve o fotógrafo francês Lê Gray registrando seus passos. Com o tempo isso foi sendo segmentado na sociedade e o retrato das pessoas concede status, lugar de importância no imaginário.

Também é importante explicar que se tem trabalhado a extensão no sentido de contribuir para a melhor compreensão das práticas de poder e desigualdade prevaletentes nesta comunidade relativos a gênero. Considerando que A Ver-o-Mar localiza-se na microrregião da Mata meridional de Pernambuco, próximo a Usina Trapiche, uma territorialidade propicia ao paternalismo acentuado pelo seu isolamento geográfico, sobretudo, da estrada que dá acesso às praias mais próximas.

A aproximação com a Comunidade foi realizada de diversas maneiras, entre elas o Diagnóstico Rápido Participativo que envolveu o resgate da história da comunidade com suas fraquezas e potencialidades.

Conscientes de que o desenvolvimento para ser um processo consistente e sustentável deve proporcionar a elevação das oportunidades sociais, como também, a viabilidade e competitividade da economia local, aumentando a renda e as formas de riqueza, sua internalização na economia local e o fortalecimento da capacidade de

investimentos e gastos das instituições públicas, ao mesmo tempo em que garante a conservação dos recursos naturais.

1.1-História da comunidade

No dia 14 de junho de 2005, em face ao desenvolvimento da Oficina de Diagnóstico Participativo - DRP na Comunidade de A Ver-o-Mar, foi relatada a história da comunidade como uma das etapas da metodologia aplicada.

Nos relatos dos(as) moradores(as) sobre a comunidade, está presente a figura de um português que os convenceu, há cerca de quase trinta anos, a sair da beira do mar para um loteamento. O português, como é denominado pelos moradores, possivelmente buscou inspiração em sua terra natal para nomear essa localidade.

Das 38 pessoas presentes na oficina, cinco com idade mais avançada foram indicadas para desenvolver o relato, tendo em vista o acúmulo de conhecimento histórico dessa geração.

O ano escolhido foi marcado pela venda das terras da localidade para um português, Sr. Alípio Moreira, em 1973 para fins imobiliários, pelo antigo proprietário Sr. Ivanildo Avelar, do qual a maioria da população local era moradora.

Observou-se uma grande dificuldade em relação à exposição da história. Para despertar o interesse, se abordou sobre a qualidade de vida da comunidade, havendo uma reação para citar que, atualmente, as pessoas se sentem mais livres do que quando eram moradoras.

"com o português foi melhor, porque antes a gente morava aqui com a porteira fechada"

(Alaíde)

Em 1975, o novo proprietário realizou levantamento topográfico da área e iniciou a venda dos lotes, trazendo inclusive a FICAM (COHAB) para financiar as construções das casas. Das trinta famílias habitantes da comunidade, cerca de dez adquiriram uma casa

financiada, as demais, por não terem renda fixa, não contraíram o empréstimo. Outro aspecto é destacado pela moradora Suely ao afirmar que:

”O desconhecimento gera medo” reflexão sobre as transações que envolviam adquirir uma casa pela Caixa Econômica Federal.

Em 1983 houve a retirada das famílias que moravam na praia, culminando com a demolição das suas casas. Tal situação foi relevada pela promessa das famílias habitarem uma vila construída para as abrigar, porém isso não ocorreu, fazendo com que estas fossem abrigadas em casas de parentes na própria comunidade.

Percebe-se que, apesar deste fato ocorrido, as famílias atualmente têm uma certa restrição em relação ao pessoal que mora e vive de negócios na praia, pois este é considerado forasteiro e, conforme declaração "desorganizam a beira-mar".

Outro fato destacado foi à fundação da associação comunitária em 1995, marcada por projetos voltados para a pesca.

Após todo o relato dos fatos, o facilitador indagou novamente aos participantes, sobre a qualidade de vida na comunidade no momento atual, em relação ao tempo do antigo proprietário e, talvez pela memória ali vivenciada das relações entre a comunidade e o atual proprietário, o discurso mudou para:

"com ruindade e tudo, é bem melhor com o atual proprietário" (Zinha)

Cabe ainda destacar que ao término de todos os trabalhos, ou seja, quando o grupo maior de 38 pessoas se reuniu, Zinha apresentou o resultado da oficina de história da comunidade para todos e houve um destaque na avaliação final de que aquele dia "foi bom porque podemos reviver o passado da comunidade".

Assim, a comunidade, hoje com aproximadamente 200 residências habitadas durante o dia principalmente por mulheres, idosos e crianças, apresenta na construção de sua identidade a expulsão das terras que viviam, a desconfiança, o imaginário da porteira fechada e de submissão a um poder centralizado.

Importante destacar que atualmente, se tem discutido muito a temática relacionada a Desenvolvimento Local Sustentável. A dificuldade em alcançá-lo é decorrente de uma cultura centralizadora, paternalista e clientelista, ou seja, centralizam o poder nas mãos de

poucos, visando apenas o crescimento econômico em detrimento do desenvolvimento humano.

1.2-O Diagrama de Venn

O Diagrama de Venn foi também uma ferramenta utilizada durante a oficina. Teve como objetivo primordial mostrar o papel das diferentes pessoas, grupos e instituições dentro ou fora da comunidade que promovam impactos (influência) na vida da comunidade e como se relacionam.

Os resultados demonstram que a Associação tem relacionamento estreito com a igreja, ou seja, existe um forte laço entre os membros da comunidade e as diversas religiões ou seitas, presentes na comunidade. Estes laços não são unidirecional, mas são de mão dupla. Assim como a relação existente entre a Prefeitura Municipal e a Associação, já que esta relação é bem representada pela presença do poder municipal nas reivindicações, da comunidade, na vida corrente de A Ver-o-Mar. Esta realidade se complementa com a Unidade de Saúde da Família que é representada pela presença do poder municipal no apoio a melhoria nas condições de saúde da população.

Outra relação que o grupo considerou ser de mão dupla e bastante estreita é a que se representa com o Conselho Municipal de Desenvolvimento de Sirinhaém. Está consolidada na participação e discussão dos problemas existentes no Município e na comunidade. Bem como, na solicitação de projetos que são viabilizados pela participação dos grupos organizados na reunião do CDM.

Também apresenta um vínculo que se estreita com a Associação a Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, através do apoio a organização do grupo e ao desenvolvimento da atividade de artesanato.

As relações que foram identificadas como relações frágeis e conflituosas estão representadas pelos veranistas e forasteiros (pessoas que não nasceram na comunidade e hoje estão residindo em A Ver-o-Mar).

Outra fragilidade que foi detectada pelo Diagrama de Venn refere-se às relações que pouco se fazem presentes pelo grupo. Apesar da importância estratégica de captação de

recursos e projetos para o fortalecimento com a associação. Estas são representadas pela pouca relação existente entre a associação e o: SENAI, SENAC, PROMATA, Projeto RENASCER e o SEBRAE.

Segundo Jara (1998:35), “a sustentabilidade diz respeito a um significado dinâmico e flexível, centrado no respeito a vida”. Na visão do autor para que o desenvolvimento seja sustentável é necessário a redução da pobreza, a satisfação das necessidades básicas e a melhoria da qualidade de vida da população, o resgate da equidade e uma forma de governo que garanta a participação social nas decisões.

1.3- Participação das mulheres no Planejamento Rápido Participativo

Na reunião de Diagnóstico estavam 38 pessoas presentes, sendo semelhante o número de homens e mulheres. Na assembléia de planejamento, percebe-se a presença predominante de mulheres no total de 18 pessoas que participaram da oficina. A partir dos principais pontos negativos e positivos relacionados à produção, à organização, à infraestrutura e ao Meio Ambiente, foi construída a matriz de planejamento através do próprio discurso da comunidade, comprometendo-se as mulheres em participar do acompanhamento, Erivaldo foi o único homem a participar desta reunião.

Quanto ao meio ambiente, nos aspectos negativos, destacaram-se a pesca predatória do polvo, rede de camboá e a utilização de água sanitária, presença de chiqueiros de porcos na beira do mangue e o desmatamento da mata para a construção de viveiro de camarão. Segundo elas "percebemos que isto ocorre muitas vezes devido à falta de informações, algumas pessoas não têm a devida compreensão das possíveis conseqüências de seus atos".

Quanto aos aspectos positivos:

- Ø À produção inclui atividades de pesca, artesanato, construção civil e serviço caseiro;
- Ø À organização conta com o grupo de artesanato em formação e a chegada de computadores para a sede;
- Ø Ao meio ambiente inclui a faixa de praia próxima à comunidade, presença de mata atlântica e do manguezal.

Ø À infraestrutura envolve água encanada nas residências, todas as casas em alvenaria, energia elétrica, coleta de lixo regular, posto de saúde e uma escola de Ensino Fundamental.

Sobre os aspectos negativos destacam:

Ø A pesca predatória do polvo, cuja solução apontada pela comunidade foi aumentar a fiscalização realizada pelo IBAMA e capacitar os pescadores. Para isso sugeriram convidar o IBAMA para dar uma palestra na comunidade. As pessoas que se comprometeram a entrar em contato com a Instituição foram Josinete e Erivaldo.

Ø Quanto à presença de chiqueiros de porcos na beira do mangue, a solução indicada inclui as seguintes ações: cimentar o chiqueiro, colocar canaletas para escoar as fezes e uma fiscalização mais rigorosa. Propuseram uma reunião com os donos dos animais para resolver os problemas. As pessoas comprometidas foram Lindalva, M^a Gilvanete, e Ângela.

Ø Também pensaram em reunir um grupo e conversar com o secretário do meio ambiente e fazer denúncias anônimas. Os resultados colhidos durante as oficinas indicaram vários problemas ambientais a serem solucionados, aos quais as moradoras se comprometeram a colaborar na solução dos problemas por elas detectados.

A realidade das comunidades rurais onde predomina uma cultura paternalista/clientelista como mencionado anteriormente, dificulta o desenvolvimento e atuação dos atores sociais, que geralmente não se julgam capazes de gerar a mudança na sua própria comunidade. Para mudar este quadro se faz necessário desenvolver políticas públicas que estejam voltadas para o desenvolvimento local sustentável, valorizando o desenvolvimento humano, ambiental e econômico.

Segundo as participantes, a avaliação das oficinas foi:

"- Foi tudo bom. Houve a participação mais ativa de cada uma das pessoas, pelo menos aparentemente. Alguns pontos foram mais esclarecidos

- Achei bom, que não fique só nessa.
- Ensinou mais a gente a trabalhar, ter mais união.
- Todo mundo agora tem um cargo, uma responsabilidade.
- Que cada um que deu o nome realmente se responsabilize.

- Para mim tudo é válido, porque traz coisas novas, traz ensinamentos. Vamos tentar unir, discutir, mas uma discussão construtiva".

As pescadoras pernambucanas vem construindo seu percurso na direção de sua constituição como sujeito político. Realidade constatada no I Encontro Estadual das Trabalhadoras da Pesca e da Aqüicultura de Pernambuco, quando afirmaram que "a pesca predatória com bomba, agrotóxico, malha fina e outros prejudica o trabalho delas no manguezal".

Na ocasião, também apontaram outras problemáticas: falta do defeso do camarão e do caranguejo; agilização na definição de reservas extrativas; poluição provocada pelas indústrias; insuficiente fiscalização do IBAMA; falta de organização dos diretores das associações.

Além de indicar problemas, também apontaram propostas por elas definidas, por exemplo: abertura de linhas de crédito só para mulheres, creches, habitação, melhoria das instalações das colônias de pescadores para favorecer a comercialização, incentivo ao programa de alfabetização de crianças e adultos, agentes de pesca, projetos de capacitação sobre beneficiamento do pescado, cooperativismo, associativismo e gerenciamento.

Nas conversa com algumas mulheres de A Ver-o-Mar observou-se à necessidade de organização do grupo no sentido de produção, divulgação e comercialização do artesanato, constataram-se também problemas relacionados à questão da concepção, considerando a presença de mulheres jovens com muitos filhos; acesso à moradia, várias famílias vive num mesmo espaço, por falta de opção;

Também foi diagnosticada na comunidade a necessidade de articulação para maior participação das mulheres na construção de novas perspectivas. Necessário debater questões ambientais: poluição e degradação dos locais de trabalho e da água; criação das reservas extrativistas - marinhas e mangues; turismo nos mangues, produção nas fazendas a carcinicultura, riscos ergonômetros, previdência social e época do defeso.

1.4- grupo de mulheres produtoras

O grupo de mulheres produtoras cuja temática envolve gênero e inclusão social. Refere-se a um conjunto de mulheres organizadas em pequenos grupos relacionados à costura, bordado e trançado Os Objetivos do PROJETO GAMELA são:

Ø Sólida integração da mulher no mercado de trabalho;

Ø Geração de renda para as famílias;

Ø Melhora da auto-estima da comunidade.

Ø Aprimoramento da capacidade produtiva.

O espaço de intensa crise vivida atualmente pelas comunidades pesqueiras do litoral pernambucano, na pesca artesanal, observa-se a um só tempo o aumento da pobreza e da exclusão social das populações litorâneas, como também a importância do trabalho das mulheres, seja na pesca no mangue, no trabalho artesanal, nas diferentes formas do emprego temporário local e do trabalho doméstico, na sobrevivência das famílias de pescadores.

Em A Ver-o-Mar, a pobreza tem pressionado o trabalho feminino à monetarização, seja aquele trabalho diretamente ligado às atividades da pesca, o trabalho doméstico e a produção de artesanato tradicional - crochê, bordado, tapeçaria e outros.

A presença feminina na comunidade se mantém na beira do mar, no mangue e na terra. Assim, na luta pelo trabalho e pela terra, nas águas do mangue e nas águas do mar, a pescadora pernambucana vem construindo seu percurso na direção de sua constituição como sujeito político.

O Projeto Gamela, iniciado pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, apoiado pelos Departamentos de Educação e Ciências Doméstica conta com integração voluntária de profissionais .O Projeto contava no início com um grupo de 17 mulheres em abril de 2005 e atualmente conta com 30 mulheres organizadas em pequenos grupos relacionados à costura, bordado e trançado. A primeira exposição do produto foi realizada na VI Feira Nacional de Negócios do Artesanato - FENNEART, no stand ÉTICA/Comércio

Solidário. Participou da 15ª SEMANA DO PEQUENO EMPREENDEDOR na Universidade de Pernambuco.

Assim, o grupo produtivo vem se organizando em termos de fabricação das bolsas, mas é exatamente neste novo contexto de participação ativa da mulher nos rumos da comunidade que se acirram as contradições sexistas.

O Projeto de Pesquisa iniciado em 2003, na Comunidade de A Ver-o-Mar produziu subsídios para essa experiência de desenvolvimento local. Observou-se no processo de fundamentação do grupo produtivo que uma das dificuldades envolve uma rede de relações (dominação, cooperação, reciprocidade, conflito, participação, exclusão, etc.) que embaçam determinadas práticas e comportamentos. Assim, para se saber o que caracteriza um certo tipo de realidade local é preciso que se conheça as relações existentes, pois são os relacionamentos sociais que condicionam uma determinada situação.

Em A Ver-o-Mar, as dificuldades estão relacionadas às relações sociais estabelecidas a partir da produção entre integrantes do grupo e com terceiros. Nos conflitos internos existe fragilidade na organização social. Predomina ainda uma visão individualista, competitiva e excludente.

Quanto à relação com órgãos públicos e entidades estabelecidas como o Promata, que se propõem a fazer um elo de ligação entre o artesão e a sociedade de consumo, estabelecem-se normas excludentes que em vez de aproximar o artesão termina diminuindo a auto-estima dos que estão ainda procurando seu espaço no mercado. Lideranças populares estabelecidas no Município tem atrapalhado o diálogo entre essas mulheres e as instituições de cooperação ao artesanato, primordialmente por preconceitos e competição.

A proposta da produção com as mulheres caminha na direção de promover "um processo de agrupamentos humanos capaz de promover o dinamismo econômico e a melhoria da qualidade de vida da população", elementos essenciais definidos por Sérgio C. BUARQUE (1999:23) ao desenvolvimento local.

A partir dos resultados alcançados com o trabalho, os passos que tem sido dados para o aprimoramento da capacidade produtiva tem sido na direção de capacitações na área de empreendedorismo, cooperativismo e sistemas de mercado, para que as mulheres se sintam sujeito e não objeto dessa atividade produtiva.

Interessante ressaltar que, entre os entrevistados, 60% participam de alguma associação, destacando-se os pescadores e barraqueiros.

Também foi possível verificar nas respostas uma predominância nas relações com outros grupos fora da comunidade, 40% espera contar com os amigos em momentos de dificuldades, enquanto que 60% acreditam que devem desconfiar. Na ótica da solidariedade, 40% afirmaram ter participado nos últimos 12 meses de alguma ação coletiva. Sobre um possível problema de abastecimento de água, 65% afirmaram ser muito provável que as pessoas colaborassem para solucioná-lo. Com relação às diferenças que podem causar maior dificuldade na cooperação, foram apontadas as de educação e de filiação política.

A comunidade apresenta pouca esperança nas autoridades políticas, tanto no governo local como no nacional. Em suma, 70% estão entre os que não confiam, confiam pouco e confiam nem muito nem pouco. Apesar da desconfiança no sistema político, 55% sente-se feliz e 35% acredita que pode mudar sua trajetória de vida, em contraponto 35% afirma ser imutável o rumo de suas vidas.

Outro dado importante declarado pelos informantes é que o veículo de comunicação de massa, a televisão, e especialmente o telediário Jornal Nacional, correspondem às fontes de informação para 40% da população.

Quanto à violência, 90% consideram a comunidade calma e 50% sentem-se seguros quando estão sozinhos em casa.

Trata-se de uma comunidade com grandes potenciais naturais, por exemplo, o mar e o mangue formam uma região de excepcional beleza natural, conta também com a potencialidade de seus habitantes e a infraestrutura que se pode considerar regular frente a outras comunidades litorâneas como a da Colônia de Pescadores em Barra de Sirinhaém .

Fazendo uma comparação com a comunidade da Colônia de Pescadores de Barra, das 27 famílias pesquisadas constatou-se a presença de 67 mulheres, sendo 43 em idade laboral, de 16 a 60 anos. Nas 27 famílias, destacam-se 08 mulheres chefe de família (Rosália, Maria, Grinaria, Roseane, Maria Ramos, Márcia, Joselita e Maria), apresentando um percentual 100% superior de feminilização da pobreza, em relação à comunidade de A Ver-o-Mar.

Com relação às atividades laborais, na sistematização dos dados priorizou-se as informações referentes às dezesseis mulheres casadas, neste universo duas se denominaram trabalhadoras do Lar, quatro afirmaram desenvolver algum trabalho familiar sem remuneração, uma asseverou desenvolver trabalho permanente assalariado, 01 assegurou realizar artesanato e uma declarou ser comerciante, quatro fazem outros serviços e quatro não responderam. Observou-se que semelhantemente à comunidade A Ver-o-Mar, não apareceu entre as atividades: a pesca de mariscos realizada geralmente por mulheres; o trabalho doméstico - atividade cem por cento feminina - realizada em residências de veraneio durante a estiagem e o comércio em barracas na praia, também realizado no verão. As mulheres chefe de família desenvolvem as atividades de comércio, artesanato, trabalho permanente, do lar e outros.

Conclusão

Ressaltamos que esta comunidade há algumas décadas, encontrava-se à beira mar, mas como mencionamos anteriormente, a intervenção do português Alípio Moreira modificou este quadro. Verificamos que não existiu nenhum planejamento e análise de condições estruturais, por parte dos moradores e nem das entidades locais, sobre os aspectos sociais, econômicos e ecológicos da região. Por conseguinte, gerou-se uma carência de ações governamentais e não governamentais para o desenvolvimento da Comunidade de A Ver-o-Mar.

Nesse sentido, Carlos Jara vislumbra no desenvolvimento local uma alternativa, por ser um processo inerentemente endógeno capaz de melhorar as condições de vida, produção e trabalho de populações que se localizam em espaços territoriais menores. E devido a isso, orientar-se pelos "princípios de sustentabilidade, equidade social, eficiência econômica, democracia política, conservação ambiental e diversidade cultural".

Já Costabeber e Caporal, entendem como desenvolvimento local a realização de potencialidades sociais, culturais e econômicas de uma sociedade, em sintonia com o meio ambiente e com os valores éticos e políticos. E a sustentabilidade, para os autores, deve ser estudada como uma busca incessante de pontos de equilíbrio em uma perspectiva

multidimensional: ecológica, econômica, social (primeiro nível); cultural, política (segundo nível) e ética (terceiro nível).

Sobre a definição de desenvolvimento sustentável, Augusto Franco afirma que há um consenso "ao não esgotamento dos recursos naturais que serão necessários às gerações futuras". Porém, essa é uma visão reducionista que prioriza apenas a gestão racional dos recursos. Primordialmente, a sustentabilidade, para o autor, é a organização de um sistema que se mantém ao longo do tempo em virtude de ter adquirido certas características que lhe conferem capacidades autocriativas. Ele afirma que não se pode confundir sustentabilidade com durabilidade, pois se é sustentável, é durável, porque é capaz de se organizar, de se reproduzir e de criar condições para sua continuidade.

Através de uma pesquisa exploratória, observamos na entrevista com a comunidade que os moradores são carentes de ações governamentais e mantêm-se desinformados dos programas públicos, tais como: instrumentos de planejamento municipal, políticas e programas habitacionais, programas de geração de trabalho e renda. Segundo dados do IBGE, a Comunidade de A Ver-o-Mar demonstra uma realidade precária, pois lhes faltam: saneamento básico, escolas, hospitais e outros fatores que implicam qualidade de vida.

Segundo Carlos Jara, há uma necessidade de encontrar metodologias práticas para extrair as energias criadoras (endógenas) do interior da vida cultural das comunidades para a promoção do desenvolvimento sustentável local. De acordo com tal reflexão, as Oficinas de Diagnóstico Rural Participativo da Comunidade de A Ver-o-Mar tiveram este propósito. Por meio de uma metodologia de orientação com trabalho em plenária, numa dessas oficinas foram levantados os principais pontos negativos e positivos relacionados à produção, à organização, à Infra-estrutura e ao Meio Ambiente, através do próprio discurso da comunidade.

No depoimento de Aláide, dona de casa e participante do projeto de artesanato, ao declarar: "com o português foi melhor, porque antes agente morava aqui com a porteira fechada", observamos o grande desafio do desenvolvimento sustentável, segundo Jara, que é anular as práticas autoritárias, paternalistas e clientelistas. Pois, para o autor, tais práticas contribuem para manutenção e reprodução do poder que fica sob o controle dos grupos economicamente dominantes. De modo que ficam dependentes e avessos a qualquer tipo de

mudança. Por isso, é fundamental que os atores sociais protagonizem e construam o seu próprio destino.

A violência simbólica contra a mulher que está presente na sociedade e que ocupa lugar privilegiado em alguns contextos sociais. Por exemplo, em A Ver-o-Mar, apesar da presidência da Associação de pescadores/as e moradores/as ser exercida por uma mulher, em última instância quem tem decidido são os homens, em seu cotidiano as mulheres acreditam que o trabalho doméstico devem ser por elas executado. Assim, por exemplo, apesar de já terem realizado conquistas como ir a FENNEART, ou ter as bolsas comercializadas no maior Shopping de Recife, os homens e algumas mulheres consideram que estas realizações ainda não podem ser vistas como bem sucedidas e duvidam que o empreendimento possa dar certo. Tornando invisíveis seus sonhos, conquistas e a própria realidade.

BIBLIOGRAFIA

- AMMANN, Safira Bezerra. Participação Popular. 3ª ed. São Paulo: Cortez & Morais Ltda, 1980.
- ANDRADE LEITÃO, M^a do R.F. Trabalho, gênero e desemprego em Lagoa do Carro. Bogotá, Revista Territórios N^o 13 Universidad de los Andes, 2005.
- Borges, M. E. L. História e fotografia. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- BUARQUE, Sérgio C. Metodologia de Planejamento do Desenvolvimento Local e Municipal Sustentável. 2ª ed. Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), 1999.
- COSTA, Antonio Carlos Gomes da. Por uma Cultura de Cooperação: Capital Social e Mobilização Empresarial de Base. Brasília: SEBRAE, 2002.
- DEMO, Pedro. Pobreza Política. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 1996.
- FOUCAULT, M. El orden del discurso. Tusquets. Barcelona, 1987 3ª edición
- GALVÃO, Antonio Mesquita. A Crise da Ética: o Neoliberalismo como causa da exclusão social. Petrópolis: Vozes, 1997.
- Hall, S. Identidade Cultural na Pós-modernidade. Rio de Janeiro, DP&A, 2002
- JARA, Carlos Julio. A Sustentabilidade do Desenvolvimento Local: Desafios de um Processo em Construção. Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA); Recife: Secretaria de Planejamento do Estado de Pernambuco- Seplan, 1998.
- LESBAUPIN, Ivo. Poder Local X Exclusão Social: uma experiência das prefeituras democráticas no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MAIA, Isa. Cooperativa e prática democrática. São Paulo: Cortez, 1985.
- NORONHA, Hermano Ferreira de; MARQUES, Nivaldo Estrela. Desenvolvimento Municipal: definindo a trajetória. Campinas: CATI, 2001.

52 ICA – Sevilha – Espanha – 17 a 21 de julho de 2006

Simpósio EST.22 -

POCHMANN, Marcio. O Trabalho Sob Fogo Cruzado. São Paulo: Contexto, 2000.

SINGER, Paul. Globalização e Desemprego: diagnóstico e alternativas. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1999.

SINGER, Paul; SOUZA, Andrade Ricardo de. A Economia Solidária no Brasil: a auto-gestão como resposta ao desemprego. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2000.

VIEIRA, Liszt. Cidadania e Globalização. Rio de Janeiro: Record, 1997.

52 ICA – Sevilha – Espanha – 17 a 21 de julho de 2006

Simpósio EST.22 -

ANEXOS



FENNEART



FOTOS JULIANA LEITÃO

**Artigo Jornal Folha de Pernambuco, 03 de outubro de 2005.
Caderno Economia, p.2**

Artesãs de Sirinhaém fazem bolsas



O projeto engloba 30 mulheres e já existe há sete meses

Exatamente em busca de mostrar seu produto e ampliar seus contatos, as mulheres do Projeto Gamela da comunidade Aver-o-Mar, localizada em Sirinhaém (litoral sul do Estado e a cerca de 70 km do Recife), esperam com ansiedade o início da feira. O projeto, desenvolvido em parceria com a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), trabalha a produção de bolsas artesanais com as esposas dos pescadores da comunidade. “A nossa meta é conseguir apoio para ajudar na manutenção do projeto e avançar para começar a trabalhar na comercialização do produto”, afirmou uma das coordenadoras da iniciativa, Juliana Leitão, responsável pela organização do estande do projeto Gamela da Semana do Pequeno Empreendedor.

As bolsas são bordadas manualmente e feitas com estrutura artesanal, onde cada peça é uma criação única. O projeto engloba 30 mulheres e já existe há sete meses. “O Gamela depende muito do trabalho voluntário de um grupo de profissionais, como psicólogos, sociólogos e professores e, para que o negócio seja expandido, é necessário recursos para investir numa melhor estrutura”, disse Juliana. Já com esse pensamento e aproveitando a ajuda financeira do professor de sociologia da Universidade Saint Mary’s, do Canadá, Gene Barret, que conheceu o projeto em visita ao Brasil há dois meses, a organização do projeto aumentou o estoque de materiais básicos, como linha, alfinete e tecido e pretende adquirir duas novas máquinas de costura.

Além do estande das bolsas artesanais do projeto Gamela, o público que comparecer à feira também terá à sua disposição bancas temáticas sobre programas governamentais, como o da Escola de Governo, criada para capacitar o funcionalismo público e de instituições nacionais, como os Correios.